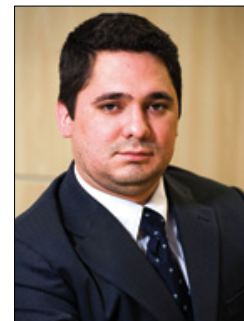


POR RICARDO JACOMASSI,
ECONOMISTA-CHEFE DA HEGEMONY
PROJEÇÕES ECONÔMICAS
✉: RICARDO.JACOMASSI@HEGEMONY.COM.BR



SÉRGIO BRITO

CLIMA DE APREENSÃO NO MERCADO BRASILEIRO

As mudanças das políticas econômicas dos Estados Unidos e do Japão impuseram desafios às economias emergentes e evidenciaram que elas não estão blindadas, como se pensava antes. No lugar das certezas, agora existem dúvidas, o que tem gerado um clima de apreensão nos mercados.

Particularmente no Brasil, as condições cambiais e de comércio exterior se deterioraram a uma velocidade impressionante. O dólar médio saltou de R\$/US\$ 2,03 em janeiro para R\$/US\$ 2,34 em junho último; a balança comercial no acumulado dos oito primeiros meses de 2013 foi de US\$ 3.764 bilhões, déficit impressionante e insustentável em longo prazo.

Quais são, porém, os reais motivos para a mudança do clima de estabilidade? A resposta de maior poder explicativo está na sólida recuperação econômica dos Estados Unidos e em suas consequências nas políticas monetárias e comerciais. O crescimento do PIB americano a taxas próximas de 3,0% ao ano implica diretamente a recuperação do mercado de trabalho, com sensível redução do desemprego, e uma relação direta sobre o consumo.

Aos cuidados do Federal Reserve – o Banco Central norte-americano – o monitoramento está sendo *in loco*, pois a preocupação principal reside nos preços, que, estimulados pela demanda, podem sair dos trilhos, devido aos enormes estímulos monetários. Na prática, o primeiro instrumento para orientação inflacionária seria a elevação das taxas de juros, os chamados Fed Funds Rate (FFR).

Diante dessa formatação, o preço do dinheiro no

mercado mundial vai se ajustando às taxas de juros dos Estados Unidos, com reflexos nas demais economias, principalmente as que estão mais expostas em dívidas em dólares, e por desarranjo da balança comercial.

No Brasil, o endividamento público em dólares caiu sensivelmente ao longo dos últimos dez anos, porém o endividamento privado se manteve com participação importante. A composição da dívida em dólares pelas empresas talvez seja o principal problema do mercado brasileiro quando se fala da volatilidade da moeda norte-americana. Há, contudo, outro fator a contribuir para o clima de apreensão no mercado brasileiro: a mudança de humor dos investidores estrangeiros quanto ao prometido e não realizado no Brasil pelo governo e alguns empresários.

Uma visão mais histórica do mercado cambial mostrou um cenário de práticas de margens mínimas de cotação do dólar desde 2010. Isso é preocupante em termos de futuros impactos econômicos, por ter mantido no ambiente uma sensação de que tudo está nas rédeas do Banco Central Brasileiro, que demonstrou limitado poder de resposta para resolver demandas econômicas recentes.

Estamos, portanto, inseridos em uma nova configuração econômica mundial que vem se moldando sobre os pilares da recuperação dos países centrais e a diminuição do crescimento econômico dos países emergentes. A resultante, ainda em construção, sinaliza que a concorrência mundial se intensificará, os investimentos se tornarão mais especulativos e a competitividade será o grande diferencial para o crescimento futuro. ■